

HISTÓRIAS DE VIDA DE ENSINO-APRENDIZAGEM-ENSINO DE GRAMÁTICA DE PROFESSORES DE LÍNGUAS EM FORMAÇÃO CONTINUADA

Daniella de Souza Bezerra – daniella@jatai.ifg.edu.br

Edvania Barros de Moraes – ed_bmorais@hotmail.com

Luzilene Tavares Roldão – luzilenetavarez@hotmail.com

Tania Duarte do Nascimento Moraes – tanmoraes@gmail.com

Vitor Seravali Pimenta – paid3@yahoo.com.br

Instituto Federal de Goiás
Faculdade de Montes Belos
Faculdade de Montes Belos
Faculdade de Montes Belos
Faculdade de Montes Belos

Resumo

Este estudo apresenta resultados acerca da influência gerada pela disciplina “Gramática da Língua Inglesa” na forma de ensinar gramática dos professores em formação continuada, em um curso de Especialização em Língua Inglesa da Faculdade Montes Belos ofertado em Jataí. Para tanto, analisamos se e como a referida disciplina interferiu na abordagem de ensinar gramática dos professores em formação continuada. Aponta-se por meio da análise dos dados coletados, o ponto de vista dos professores em formação continuada quanto à abordagem de ensino-aprendizagem da gramática da Língua Inglesa em sala de aula, bem como se os possíveis saberes adquiridos durante o módulo sobre o ensino da gramática interferiram em sua prática pedagógica no ensino da gramática em sala de aula. Em seguida, são apresentadas através de relato as histórias de vida da professora-formadora do módulo “Ensino de Gramática da Língua Inglesa” e dos professores em formação. Descrevemos e analisamos ainda a ementa e o plano da disciplina. Consideramos que esta pesquisa pôde contribuir para o entendimento acerca dos liames do antes e do depois de uma abordagem de ensino de uma formadora na abordagem de aprender e ensinar gramática de professores de línguas em formação continuada.

Palavras-chave: *histórias de vida, gramática, ensino-aprendizagem-ensino*

Área Temática: **Formação e prática docente.**

Introdução

Dada a importância e pertinência de investigar as crenças, mitos e memórias culturais que levam o professor de língua estrangeira-inglês a ressignificar a prática de

aprendizagem e de ensino (ABRAHÃO, 2004; ALMEIDA FILHO, 1999; POZO, 2002) de gramática, refletimos neste trabalho sobre as histórias de vida, via narrativas, de um professor formador e de oito professores em formação em relação aos métodos, técnicas e abordagens aos quais foram expostos e influenciados na sua aprendizagem durante o período de formação continuada em um curso de especialização em Língua Inglesa ofertado pela Faculdade de Montes Belos em Jataí - GO.

Benjamin (1994 apud DUTRA, 2000), pensador alemão, sabiamente afirma que a narrativa é uma forma artesanal de comunicação e que mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Este conceito, que a princípio parece traduzir um lindo pensamento poético e, até mesmo por assim dizer, romântico, na verdade trata-se de uma afirmação de grande complexidade que nos leva a compreender a dimensão do que significa elaborar uma pesquisa existencial e passar fidedignamente os fatos, as sensações, as impressões, os sentimentos, as ideias e todos os aspectos fenomenais da experiência que, neste caso específico, é um educador em sala de aula.

Segundo Schimidt (1990 apud DUTRA, 2000), que também compartilha dos pensamentos de Benjamin, a narrativa é preciosa, pois conecta cada um à sua experiência, à do outro e à do antepassado, amalgamando o pessoal e o coletivo. E o faz de uma maneira democrática ou, mais precisamente, da única maneira possível, para que uma prática social seja democrática - fazendo circular a palavra, concedendo a cada um e a todos o direito de ouvir, de falar e de protagonizar o vivido e sua reflexão sobre ele.

Diante da grande diversidade de métodos de pesquisas, escolhemos para responder nosso objetivo instrumentos da pesquisa Narrativa por se tratar de um método qualitativo, o qual é centrado na experiência de vida, quer seja de fenômenos pessoais e interpessoais, como também profissionais.

Justificativa

Por ser a reflexão uma via para a melhoria do trabalho pedagógico (TELLES,2002), escolhemos empreender este trabalho no intuito de entender o impacto do período de formação continuada, em um curso de especialização lato sensu em Língua Inglesa, na ressignificação da nossa abordagem de aprender e de ensinar.

Nas últimas décadas, estamos assistindo, sem surpresa, a um crescente número de publicações que nos chamam a repensar a formação tanto inicial quanto continuada de nossos profissionais da educação (a título de exemplo, WALLACE, 1991; NÓVOA, 1992). Todas estas publicações discutem o conceito de prática reflexiva, já bastante incorporado a

muitos discursos e a alguns currículos, como um caminho factível para o desenvolvimento de professores capazes de lidar com o desafio de aprender a aprender.

Em nosso país, os educadores atuantes no campo das línguas estrangeiras, especialmente os que adotam uma perspectiva da Lingüística Aplicada (como por exemplo, ALMEIDA FILHO, 1999; TELLES, 2002; VIEIRA-ABRÃO, 2004; CELANI, 2003) têm também sugerido que esta abordagem reflexiva, com um viés crítico, pode vir a criar condições para transformações de práticas pedagógicas mais coerentes com um ensino de língua estrangeira mais significativo.

Por ser, então, a reflexão uma via para a melhoria do trabalho pedagógico (TELLES,2002), escolhemos empreender este trabalho no intuito de entender o impacto do período de formação continuada, em um curso de especialização lato sensu em Língua Inglesa, na ressignificação da nossa abordagem de aprender e de ensinar.

Na pesquisa narrativa, atuaremos como agentes para a reconstrução e construção de experiências tanto do formador, na primeira subseção da seção a seguir, quanto dos professores em formação continuada, na segunda subseção.

Resultados

1. A história de vida da professora formadora e sua abordagem de ensinar a ensinar gramática

A professora da disciplina: “Gramática da Língua Inglesa” estudou em escola pública estadual em uma cidade no interior do Estado de Goiás, formou-se em Letras Modernas (Inglês-Português) em uma faculdade pública estadual no ano de 1996.

Logo, no primeiro ano, foi convidada pelo diretor do único colégio da cidade (Colégio Estadual Maria Eulália de Jesus Portilho) para ministrar aulas de ciências e geografia nas 5ª e 6ª séries. Segundo relata, foi amor a primeira vista entre ela e o ato de ensinar, mas como estava cursando Letras, no ano seguinte foi “obrigada” a lecionar inglês de 5ª a 8ª série que de início ficou muito preocupada, mas como amava estudar língua inglesa e tinha ótimas notas nessa disciplina quando aluna, resolveu assumir o desafio. Comprou novos dicionários, foi a várias editoras de Goiânia em busca de coleções para servir como apoio didático nas suas aulas e começou a freqüentar um curso de idiomas em uma cidade próxima. Viajava para sua cidade durante a semana e aos sábados ia para a outra a procura de um aperfeiçoamento profissional. Infelizmente não conseguiu cumprir essa jornada. Ao final de seis meses desistiu do curso de idiomas e resolveu estudar em casa, começou a ver o dicionário com outros olhos, e desde então ele foi seu fiel professor.

Na universidade, também se empenhou mais do que imaginava fazer, questionava os professores e pedia auxílio no seu novo desafio, a única coisa que ela tinha em mente era ensinar a LI através de técnicas diferenciadas, porque se lembrava da época de aluna em que achava entediante ter que escrever de 1 a 1000 e ainda de memorizar as regras das conjugações de todos os tempos verbais, assim se passaram os quatro anos de faculdade.

Ao final, sentiu a necessidade de um aperfeiçoamento, começou a pesquisar e descobriu que em Anápolis na UNI evangélica, iniciaria um curso de especialização em Língua Inglesa, fez sua matrícula e iniciou mais essa nova empreitada, todas as férias ao invés de descansar ia para Anápolis estudar. Foi cansativo para ela, mas sentindo-se muito compensada por viver novas experiências e ter seus horizontes ampliados. Enfim, a continuidade de uma paixão que tornaria em amor maior. Começou a comprar livros na área da Linguística Aplicada e a pensar na possibilidade de um mestrado, porém fez outra escolha, que segundo relata, também lhe proporcionou muito prazer: resolveu ser mãe e deixar seus novos sonhos para serem realizados mais adiante.

Teve oportunidade de cursar outra especialização, e o fez. Aceitou uma proposta de ministrar aulas na UEG. Em seguida veio a oportunidade de trabalhar na pós-graduação da FMB, o que lhe proporcionou uma experiência ímpar e inigualável. Neste semestre, tem a intenção de ingressar no curso de mestrado em estudos lingüísticos como aluna especial e no final do ano tentar ingressar como aluna regular. É uma eterna apaixonada pela formação de professores de língua inglesa em específico pelos formadores de professores de LI, seu perfil, sua identidade como formadora, sua experiência e como tudo isso influencia as futuras práticas dos atuais alunos de graduação.

Na disciplina ministrada na nossa pós-graduação, a intenção da professora não era de ensinar gramática. Ela pressupunha que os alunos já soubessem a gramática da língua inglesa, uma vez que todos eles já se envolveram de uma forma ou outra com o ensino e aprendizagem da mesma.

O intuito era de ensinar como trabalhar a gramática em sala de aula sob a óptica de algumas pesquisas realizadas, mostrando as dificuldades encontradas e, além disso, proporcionando meios para que os professores de inglês durante suas aulas pudessem trabalhar a gramática de uma forma que não priorize somente a estrutura, mas que use como ferramenta para a comunicação.

Sob a luz de Bygate e Williams com o texto *Grammar and the language teacher* de 1994, Celce Murcia e Larsen-Freeman com *The Grammar book* de 1983 e Doff com *A teaching English: A training course for teachers* de 1988, desenvolveu as aulas de modo que

aplicasse atividades diversas a fim de mostrar aos alunos professores em formação continuada, as multiformes maneiras de se trabalhar a gramática.

A professora utilizou-se de diversos meios, instrumentos de pesquisa, tais como, jornais, diários, questionários, *listening* e outros que poderiam ajudar o profissional a pesquisar se a sua prática em sala de aula enfatiza o ensino da “gramática da língua inglesa” ou prioriza um ensino que vise à comunicação na língua alvo.

O fato de dar importância a tal aspecto foi justamente porque ela não acredita em receitas prontas para o ensino de quaisquer aspectos referentes à língua em questão, mas ela vê como essencial o professor saber investigar sua própria prática fundamentando teoricamente, tornando-se um “*self-researcher*”, e que isso contribua para mudanças significativas no processo ensino-aprendizagem de uma LE.

Sendo assim, o que a professora propôs foi modificar o comportamento dos alunos – professores em formação continuada quanto ao ensino da gramática. É, na verdade, o intuito desta investigação: verificar se tal ato aconteceu e como isso aconteceu.

De acordo com o plano de ensino e ementa da disciplina: “Gramática da Língua Inglesa”, o conteúdo previsto a ser trabalhado visava: a) as definições de gramática, b) as categorias gramaticais, c) uma abordagem discursiva ao ensino da gramática, d) atividades pedagógicas para o ensino de gramática na sala de aula de língua inglesa.

Desejava estudar os principais tópicos envolvendo a gramática da língua inglesa, como ela foi ensinada ao longo dos métodos de ensino e sua importância ao ensino de inglês, bem como, inteirar-se dos estudos que focalizam o ensino de Língua Inglesa como algo importante, mas não único quando se trata de aprender uma língua estrangeira.

Tinha proposto, como metodologia, atividades que seriam trabalhadas em grupo e, para isso, utilizar-se-ia além de texto teóricos e aulas expositivas, recursos áudio visuais e Internet e aulas práticas que envolvessem o ensino da gramática, tudo isso a partir da observação e análise das necessidades do grupo, a prática de sala de aula seria sempre que possível redirecionada para atender as necessidades da turma e dos temas em questão. As avaliações seriam trabalho em grupo (apresentação de seminário), uma avaliação individual e uma resenha.

Após a análise do histórico de vida da formadora, bem como da ementa e plano de curso utilizado pela mesma e tendo em vista que a gramática nos desperta a insistir na busca de reflexões sobre o comportamento do professor e da sua história de vida, tanto em relação aos métodos, técnicas e abordagem, constatamos que os métodos, as técnicas, expostos pela professora formadora, bem como sua abordagem de ensinar no curso de

especialização derivam de sua experiência de ensino teórico e prático, vivenciado em sala de aula como professora de línguas estrangeiras.

Percebe-se que os métodos de ensino e aprendizagem utilizados pela mesma podem ser vistos como orientação para que o professor/aluno comece a refletir sobre os processos envolvidos, construindo sua própria visão e sua maneira de refletir e pensar sobre o ensino e aprendizagem de gramática de Língua Inglesa. Devemos considerar ainda que o aluno – professor em formação continuada é influenciado pela sua experiência vivenciada como professor ou aluno, e que sua visão de mundo também reflete em sua maneira de ensinar.

Leffa (2001) afirma que o processo de aprender é bastante complexo, envolvendo vários fatores, tais como cognitivos, afetivos, sociais, econômicos, etc. É a partir de novos conhecimentos que o professor passa a ter condições de aprender e ensinar e se torna sujeito de sua própria prática, pois seu conhecimento teórico e prático faz com ele seja capaz de traçar suas metas para o seu fazer em sala de aula e adote sua própria abordagem de ensinar, o que podemos confirmar através da prática exercida pela professora - formadora ao adotar seus métodos de ensino. Estes e outros fatores podem ter influenciado a professora formadora ao adotar a sua abordagem de ensino, a qual pode ser considerada dentro dos parâmetros da abordagem comunicativa que, de acordo com Almeida Filho (1993), se caracteriza por um conjunto de tendências e princípios que norteiam a ação do professor sem, no entanto, prescrever procedimentos metodológicos que os identifiquem como uma receita para ensinar, um método pronto e acabado a ser seguido.

Desta forma, conclui-se que a professora - formadora fundamentou sua visão e prática pedagógica em uma abordagem de ensino que possa dar ao aluno o ensino e aprendizagem que considere a sua relação social, e que seja orientadora da ação do professor gerando inovação e construção de conhecimento dentro do contexto da sala de aula de língua estrangeira.

2. Professores em formação e suas histórias de vida com a gramática

Solicitamos aos participantes que narrassem suas histórias de vida como aluno – professor em formação continuada de Línguas com vistas a responder a pergunta: Como a disciplina *da Gramática da Língua Inglesa* (bem como outros fatores) interferiu na sua abordagem de aprendizagem e de ensino de gramática? Três participantes não enviaram seus relatos. Alegaram que, por falta de tempo, não responderiam, bem como outros motivos, tais como, familiares, profissionais, saúde e outros.

Participante 1

Na opinião do participante 1, o conhecimento teórico que adquiriu durante o curso de pós-graduação da FMB complementou a sustentação de sua abordagem de ensinar em sala de aula, pois ele já tinha uma abordagem pré-definida, e o curso veio reforçar sua maneira de pensar e a forma de ensinar. Ele sempre procurou ensinar aos seus alunos o que parece ser mais significativo ao interesse deles e que possa contribuir para sua formação profissional, bem como ajudá-lo a se tornar um cidadão crítico e reflexivo, capaz de adquirir sua própria autonomia na forma de pensar e agir. Afirma, ainda, que sua maneira de ensinar e aprender continua a mesma, embora cresça a cada dia com as novas experiências que vem adquirindo ao longo dos anos em sala de aula e fora dela e ainda nos cursos de formação que tem feito. Tem muita facilidade na aprendizagem, talvez por que busca além do que lhe ensinam e procura ser reflexivo ao aprender, e a cada novo dia o que lhe ensinam tem contribuído para que cresça e fortaleça sua forma de ensinar e aprender, desta forma o que os professores formadores lhe ensinaram contribuiu para seu crescimento.

Em síntese, observamos o perfil profissional do participante 1, cuja abordagem pedagógica não sofreu tanta influência da abordagem de ensino da professora formadora.

Participante 2

Sua graduação foi em 2005, mas antes de concluí-la teve que assumir uma sala de língua estrangeira. Acredita que desde essa imposição da faculdade em fazer o aluno professor dar aula, a fim de que este desenvolva suas habilidades, o aprender fazendo, fez com que ele trabalhasse somente regras gramaticais e vocabulário assim sem saber muito o que fazia ficou decepcionado com suas provas e diversas vezes pensava até em desistir.

Com o passar do tempo e com o estudo de alguns teóricos, aprendeu a trabalhar a gramática de forma contextualizada e viu aí alguns resultados positivos, mas continuava decepcionado, pois muitos dos seus alunos continuavam saindo mal nas provas.

A partir do momento que iniciou seu curso de especialização e ter feito o módulo de “Gramática da Língua Inglesa” seu ensino sofreu grandes modificações.

Sua opinião continua a mesma: O aluno para poder aprender as regras gramaticais do inglês precisa saber bem a gramática de sua língua e ir associando com a gramática da língua estrangeira, pois percebeu que os alunos que são bons no português tiram notas melhores em inglês também.

Seu modo de ensinar está sendo criticado por ele mesmo. Ele está em processo de mudança e tentando se soltar das velhas amarras, mas percebe que está associando mais seu modo de ensinar com as necessidades do aluno, com atividades diversificadas, mas não se esquecendo de fazer o aluno produzir através de projetos que ajudam o educando a ter contato com diferentes estilos de textos.

Concluimos, na análise do participante 2, que ele encontra-se em um latente conflito em relação à suas crenças e práticas pedagógicas: de um lado, a prática da repetição do processo de ensino e aprendizagem no qual foi submetido como aprendiz (*Gramática-Tradução*), e do outro lado a conscientização de que precisa mudar e evoluir para uma proposta de ensino de idiomas mais atualizada, que busca a competência lingüística em situações reais de comunicação.

Participante 3

Como aluno e professor de língua, o participante sente-se em constante descobrimento e aprimoramento da Língua Inglesa, às vezes como aluno, sente-se em um oceano sem saber a direção para prosseguir principalmente quando o assunto é gramática, pois quando iniciou o curso de Letras foi bastante difícil para ele assimilar tantas regras gramaticais e dominar as quatro habilidades; pois nessa época não tinha nenhum conhecimento prévio de Inglês. A partir de então, esforçou-se e dedicou-se bastante para suprir esse déficit que ele tinha na disciplina em todos os aspectos.

Está em constante formação continuada, o que acha importante, pois a partir dos conceitos de reflexão de Paulo Freire (apud SILVA E ARAÚJO, 2005) tem se engajado na formação continuada motivada pela prática crítico-reflexivo.

Como professor de língua ele consegue enxergar as dificuldades e facilidades que os alunos demonstram, pois já sentiu na pele o quanto é difícil aprender algo que não tem noção. Diante disso, tenta, ao máximo, ser claro e objetivo nesse processo de ensino e aprendizagem; através dele viaja e descobre milhares de formas de ensinar, buscando uma proposta inovadora para seus alunos.

Afirma que quando o assunto é gramática há certa ansiedade nos alunos que vivem dizendo que não sabem, é difícil, que não vão conseguir, etc. Diz que fica ansioso na preparação e no resultado de uma aula de gramática, questionando o que fazer, como proceder, se a aula vai agradar os alunos ou não. Preocupa-se, principalmente se a aula terá a interação, posto que entende que sem ela o aprendizado natural não ocorrerá.

Dentro desse contexto do participante 3, vale lembrar de Rocha e Freire (2001). As autoras afirmam que o professor em formação inicial (e também continuada) é e deve ser

um crítico de si mesmo. Mas isso não significa que o professor aluno não ficará livre de conflito e angústias no exercício de sua prática pedagógica ou na prática de sua reflexão - crítica. As angústias virão e serão sanadas com essa prática reflexiva, pois, segundo as autoras, a formação do professor não está nas mãos de outra pessoa além dele mesmo a partir de um trabalho constante de investigação.

O participante acredita que a disciplina da “Gramática da Língua Inglesa” interferiu em suas crenças de aprendizagem e de ensino de gramática porque sempre um conhecimento tem algo a acrescentar e aprimorar a formação, antes tinha uma visão muito distorcida e assombrosa da gramática, algo muito behaviorista conforme mencionara Larsen-Freeman (1986). Depois dessa disciplina, percebeu que aprender a gramática desperta curiosidade e motivação e ensiná-la provoca atitude, posicionamento e planejamento de todo o processo; sendo necessário atentar o que, quando, para quem está ensinando (PAIVA E FIGUEIREDO, 2005).

Participante 4

É graduado em Letras, licenciatura em Língua Portuguesa e Língua Inglesa, pela Universidade Federal do Maranhão, na cidade de São Luís no ano de 1980.

Lecionou durante os 10 (dez) primeiros anos, após a graduação, em escolas particulares, públicas e cursos de idiomas no Estado de Mato Grosso. É pós-graduado em Didática e Metodologia de Formação de Nível Superior pela Universidade Federal de Mato Grosso. Nos últimos 18 anos tem-se dedicado tão somente à direção de curso de Idiomas, no qual é franqueado há 28 (vinte e oito anos), como também na área de treinamento de professores dentro da abordagem de ensino do Método Fisk.

Na qualidade de aluno da UFMA, aprendeu a Língua Inglesa numa abordagem de ensino bem tradicional (abordagem tradicional e estruturalista) onde se priorizava o domínio das estruturas gramaticais como sinônimos de domínio da língua. Dessa forma, hipotetizamos que deve ter ministrado aulas da forma que aprendeu.

Hoje fazendo outra especialização em língua inglesa, sendo coordenador pedagógico do curso de idiomas que administra precisa atualizar-se constantemente com as novas teorias da Lingüística Aplicada para assim poder contribuir com a formação de instrutores que realizarão o trabalho de facilitadores da aprendizagem.

Participante 5

Este participante já vinha procurando uma forma mais livre de ensinar a gramática, tendo participado de vários treinamentos com vistas a melhorar o ensino desta. Reconhece que muitos não deram resultados, ou, talvez ele não tenha internalizado bem.

Conta que certa vez, em uma oficina da faculdade, a apresentadora, sempre falando em Inglês, dissera que o aluno não precisa aprender a gramática, que se começar a falar em inglês com ele, logo perceberá a gramática de forma natural, intuitivamente. Por exemplo, se ela quer referir alguma coisa no passado, ela sempre dirá: “I was, I stopped, I lived, I won, etc”. Dessa forma não é necessário dizer ao aluno que isso é passado. Ele perceberá isso com o tempo. Na ocasião discordou, mas não disse nada, achando aquilo um absurdo.

Conta, também, que em outra ocasião foi fazer um treinamento para dar aula numa instituição de ensino de inglês. Segundo o participante, eles tinham uma filosofia de ensino de gramática muito interessante. Apesar de a escola se declarar “comunicativa” ou “moderna”, ela sugeria que os professores explicassem a gramática em português, para que o aluno não tivesse qualquer dúvida quanto a ela. Uma explicação do tipo bem tradicional mesmo. Hoje entende que tal atitude da escola baseia-se em concepções atuais que, segundo Almeida Filho, numa entrevista no site www.pgla.unb.br, “os métodos mais apropriados são o de cada professor (a), desde que ele (a) (re) conheça qual método ele (a) tem na prática e a qual abordagem, filosofia ou família ele pertence”. Ou seja, o professor poderá fazer uma mescla de vários métodos e abordagens.

O participante menciona que isso gerou em sua cabeça uma confusão, pois a partir de encontros com os formadores começou a descobrir que poderiam haver várias formas de se ensinar a gramática, dependendo do que se quer ensinar. Afirma que pode ensinar o *verb to be* sem ter que explicar, acreditando, por outro lado, que não dá para ensinar *passive voice* sem uma boa explicação.

Quando fez o último treinamento para professores de inglês em Goiânia numa escola muito conhecida, a filosofia era de ensinar a gramática de uma forma que no decorrer das interações aluno-aluno, professor-aluno, a aprendizagem acontecesse de forma natural.

Tendo se confundido mais ainda decidiu que nas suas aulas não se ensinaria mais a gramática de forma explícita, chegando à conclusão de que todos os cursos e treinamentos o deixaram mais confuso.

Na disciplina de “Gramática de língua inglesa” do curso de pós-graduação, se libertou de tamanha confusão que viera à sua mente. Entendeu que pode ser livre para ensinar da maneira que julgar mais adequada para a ocasião. Percebeu que estudar a

turma que vai se ensinar é fator primordial na escolha da sua metodologia do ensino da gramática.

A partir daí, ele explicava a gramática de forma mais tradicional, às vezes, até em português, sem acusações na sua mente, quando via necessidade. E também ficou já dois meses sem tocar no assunto: gramática. As atividades comunicativas eram sua prioridade. Foi quando um dia resolveu fazer uma revisão e decidiu fazer a prova quanto ao aprendizado da gramática. Viu que a maioria dos alunos de uma determinada turma entendeu a gramática de modo funcional, mas desconheciam termos e regras. Quando foi explicada, foi fácil o entendimento, pois eles já tinham usado aquela determinada regra outrora, sem mesmo saber que era assim. Percebendo a funcionalidade das atividades de aquisição em suas aulas.

A disciplina de gramática da língua inglesa o libertou dos seus medos de ensinar gramática.

Conclusões

De acordo com a história de vida dos professores em formação continuada, após terem feito a disciplina da “Gramática da língua inglesa”, podemos identificar diversas variáveis de acordo com os cinco participantes que responderam o instrumento de pesquisa.

Quatro participantes tiveram suas abordagens influenciadas. A disciplina complementou, sustentou, contribuiu, sofreu grandes modificações, libertou-os dos medos de ensinar gramática e interferiu positivamente na ressignificação das crenças de aprendizagem e ensino.

Um participante tem uma preocupação que é o treinamento de professores de sua escola de línguas com vistas a aprimorar os resultados dos alunos quanto à “aquisição” da Língua Inglesa.

Para os outros participantes, a preocupação é com o interesse dos alunos “ensinar aos seus alunos o que parece ser mais significativo ao interesse deles”, estudar a turma e enxergar as dificuldades e facilidades que os alunos demonstram.

Para um participante, sua maneira de ensinar continua a mesma, mas, ele tornou-se mais reflexivo.

Há um participante que associa o ensino de gramática da língua materna com a da estrangeira, e contextualiza-o ao utilizar diferentes estilos de textos e fazer o aluno produzir através de projetos.

O participante que fez vários treinamentos trabalhou a gramática indutivamente, depois dedutivamente por comparação, sempre muito confuso, mas após ter feito a

disciplina resolveu que as atividades comunicativas eram prioridade e libertou-o dos medos de ensinar gramática.

Um dos participantes estava perdido em seu ensino, mas após ter feito a disciplina percebeu que houve um aprimoramento de sua formação e sempre se preocupa com o interesse dos alunos, pois antes tinha uma visão distorcida e assombrosa.

Um participante menciona o fato de estudar a turma para poder fazer suas escolhas. Outro mencionou que a preocupação com o interesse dos alunos, também, de certa forma, determinaria sua abordagem de ensino.

Muitos fatores contribuíram para que ocorresse a influência da abordagem de ensino da professora formadora de Gramática da Língua Inglesa do curso de Pós-Graduação em Língua Inglesa, no entanto queremos enumerar quatro principais que sustentaram com mais ênfase o resultado de nossa pesquisa: a) fatores afetivos que estimularam a participação das aulas, b) fatores de conhecimento prévio que aliado ao conhecimento teórico da professora formadora suscitaram debates, discussões e reflexões quanto ao ensino da gramática bem como a postura e desempenho em relação a ela na sala de aula, c) fatores da experiência de vida, das interações e relações com outros professores e alunos, conduzindo-nos ao compartilhamento, esclarecendo-nos nossas convicções, crenças, abordagens pessoais de ensino, e d) a organização da disciplina Gramática da Língua Inglesa no curso.

Assim, com base nas análises e relatos, concluímos nosso trabalho, na certeza de que a formação continuada deve ser uma necessidade de cada professor. Em um curso de especialização, os professores formadores devem abrir os olhos e lançar o professor em formação no limiar de uma maturidade a qual é adquirida com muita experiência refletida e muitas leituras de teóricos que embasam e fortalecem a prática pedagógica.

Referências bibliográficas

ABRAHÃO, M. H. V. (Org.) *Prática de ensino de língua estrangeira: experiências e reflexões*. Campinas: Pontes Editores, 2004,

ALMEIDA FILHO, J.C. *Dimensões Comunicativas no ensino de línguas estrangeiras*. Campinas: Pontes, 1993.

_____. Análise de abordagem como procedimento fundador de auto-conhecimento e mudança para o professor de língua estrangeira. In: ALMEIDA FILHO, J. C. (Org). *O Professor de língua estrangeira em formação*. Campinas: Pontes, 1999, p.39-51.

CELANI, M.A.A. (Org.). *Professores e formadores em mudança*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

DUTRA, E. *A Narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica*. 2000.
Disponível em < http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/id/621557.html >
Acesso em 23/06/2010.

LARSEN-FREEMAN, D. *Techniques and principles in language teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

LEFFA, V. J. Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras. In: LEFFA, Vilson J. (Org). *O professor de línguas estrangeiras: Construindo a profissão*. Pelotas, 2001, p. 333-335.

NÓVOA, A. *Os Professores e a sua formação*. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1992.

PAIVA, V. L. M. O.; FIGUEREDO, F. Q. O ensino significativo de gramática em aulas de Língua Inglesa. In: PAIVA, V. L. M. O. (Org). *Prática de ensino e aprendizagem de inglês com foco na autonomia*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras UFMG, 2005.
p.173-188.

POZO, J.I. *Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem*. Artmed, Porto Alegre. 2002.

ROCHA, L. L.; FREIRE, A. M. F. O Professor em formação e o conflito de currículos: uma experiência de pesquisa-ação. *Linguagem & Ensino*, vol. 4, n. 2, 2001, p. 93- 105

SILVA, E. M. A.; ARAÚJO, C. M. Reflexão em Paulo Freire: Uma contribuição para a formação continuada de professores. In: *V Colóquio Internacional Paulo Freire - Recife*, 19 a 22 de setembro de 2005.

TELLES, J. “É pesquisa, é? Ah, não quero, não, bem!” Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. *Linguagem e Ensino*, Vol. 5, No. 2, 2002, p. 91-116.

WALLACE, M. *Training foreign language teachers: A reflective approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.